

GÊNESES

“Então disse Deus: haja luz, e houve luz”

"H. G. Wells recomendava o jogo de xadrez como um método muito mais civilizado e seguro que o punhal ou a bomba para destruir um adversário."

In:
Concerning Chess

Informativo Educacional e Cultural - Itaúna - Minas Gerais - nº 39 - Março/Abril de 2003

FILOSOFIA DO TEMPO

Visão das respostas dadas pelos filósofos ao problema da sucessão temporal, ao do contraste entre o que passa e muda e o eterno, imóvel e permanente. Trata-se da necessidade de explicar ou resolver problemas comuns a diferentes épocas: a fugacidade da vida, o caráter inevitável da morte, o mistério mesmo da condição do homem enfrentado à sua finitude. Essas respostas incluem aspectos que afetam também o pensamento científico e o campo da criação poética, entendendo que as verdades do raciocínio filosófico se completam, coincidem ou se enriquecem com as pesquisas da ciência e as elaboradas intuições da literatura.

A figura de Cronos, da mitologia grega, também pertence a esse depósito de imagens que perduram na representação literária ou iconográfica. Segundo Hesíodo, Cronos castrou seu padre Urano e, do sangue deste, mesclado com o esperma que caiu no mar, nasceu Afrodite, a deusa do amor. O tempo implica a cronologia e, com ela, faz surgir o amor, sujeito a mudanças. Muitas mitologias, pretendendo explicar a evolução das épocas, coincidem em reconhecer a sucessão de diferentes idades — às vezes separadas por dilúvios ou catástrofes —, que retornam ciclicamente. São, enfim, formas de explicar a decadência das sociedades e a recuperação de um passado feliz.

Além das fontes mitológico-poéticas, muitos escritores têm refletido sobre o tempo e a fugacidade da vida. O *carpe diem* do poeta latino Horácio era a exortação para desfrutar do momento, entendendo que tudo passa, tudo é efêmero. A imagem do rio como uma fonte longínqua e obscura que, eventualmente, deságua em um vasto oceano, obtêm sua expressão poética

nas *Coplas* de Jorge Manrique, escritas em homenagem à morte de seu pai: “nossas vidas são os rios/que vão dar no mar/que é o morrer”.

Um recurso habitual dos narradores de ficção científica é fazer seus personagens moverem-se para o passado ou para o futuro. Alguém entra em uma máquina do tempo (*ver* Herbert George Wells) e, então, é cercado de eventos e coisas que já aconteceram ou que, no campo da conjectura, acontecerão. *Ciberiada*, de Stanislaw Lem, é outro exemplo de viagem pelo tempo. As ficções de Jorge Luis Borges propõem como recurso o anacronismo, que permite, mais do que transitar, unir em um mesmo momento fatos de diferentes épocas, quebrando a rigidez da cronologia e, portanto, sugerindo uma superação do limite que fixam as datas. Se a arte, como dizia Leonardo, é “coisa mental”, as aventuras no túnel do tempo fazem parte da odisséia literária. Em grande medida, as experiências das vanguardas do século XX se propunham destruir as convenções estéticas, mas também a rigidez das lógicas

horárias. Na adesão inicial do surrealismo, por exemplo, ao marxismo, subjazia essa intenção. Além disso, a influência dos movimentos revolucionários introduz nas consciências, sem dúvida, a possibilidade de transtornar as seqüências temporais conhecidas, identificadas com a ordem social dominante.

Proust, autor de *Em busca do tempo perdido*, resulta emblemático da preocupação de muitos escritores do século XX com o tempo. Machado de Assis introduziu no romance brasileiro os devaneios de um personagem, Brás Cubas, que faz “memória” depois de morto. Samuel Beckett, em *Esperando Godot*, apresenta dois personagens que passam o tempo (nos dois atos da peça) sem saber que fazer enquanto Godot não chega. Com todos os ingredientes cômicos do teatro do absurdo, Beckett consegue representar a tragédia da inação frente ao tempo que passa. Os objetivistas franceses, como Alain Robbe-Grillet e Michel Butor, fizeram da busca do tempo perdido um *leit motiv*, e no cinema, a obra de Alain Resnais é também significativa.

TEMPO...

Um dos testemunhos que tem impregnado o pensamento e a criação através dos séculos, além da interpretação religiosa, é o texto do Eclesiastes (3, 1-8), que diz: "Todas as coisas têm seu tempo, e todas elas passam debaixo do céu segundo o termo que a cada uma foi prescrito. Há tempo de nascer, e tempo de morrer. Há tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou. Há tempo de matar, e tempo de sarar. Há tempo de destruir, e tempo de edificar. Há tempo de chorar, e tempo de rir. Há tempo de se afligir, e tempo de saltar de gosto. Há tempo de espalhar pedras, e tempo de as ajuntar. Há tempo de dar abraços, e tempo de se pôr longe deles. Há tempo de adquirir, e tempo de perder. Há tempo de aguardar, e tempo de lançar fora. Há tempo de rasgar, e tempo de coser. Há tempo de calar, e tempo de falar. Há tempo de amor, e tempo de ódio. Há tempo de guerra, e tempo de paz". A concepção do tempo que surge do texto - já que, aliás, não há nada novo sob o sol - é a do retorno cíclico, a alternância do bom e do mau, da felicidade e da desgraça.

SER OU NÃO

Disse Alexandre Dumas que Shakespeare, depois de Deus, foi o poeta que mais criou. Aos 37 anos, já escrevera 21 peças e inventara uma forma de soneto. Era um rico proprietário de terras e sócio do Globe Theatre, de Londres. Suas peças eram representadas regularmente para a rainha Elizabeth I. Na *Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, publicada em 1603, Shakespeare superou a si mesmo, tomando uma antiga história escandinava de fratricídio e vingança e transformando-a numa tragédia sombria sobre condição humana, traduzida quase 1.000 vezes e encenada sem cessar. Sarah Bernhardt, John Gielgud, Laurence Olivier, John Barrymore e Kenneth Branagh, todos buscaram entender o melancólico dinamarquês.

No príncipe em conflito, Shakespeare criou um herói inte-



"Apaga-te, apaga-te, fugaz tocha! / A vida nada mais é do que uma sombra que passa, um pobre histrião / que se pavoneia e se agita uma hora em cena / e, depois, nada mais se ouve dele. É uma história / contada por um idiota, cheia de som e fúria, / nada significando."

lectual cujo impulso para a vingança é paralisado pela indecisão, um observador da corrupção política e moral amargamente desiludido, um consumado artífice de palavras. A peça é cheia de indagações filosóficas, mas foi pela poesia que *Hamlet* capturou a consciência do mundo.

NOMES - APENAS NOMES

Que há num nome? Um sussurro, uma tempestade... Uma montanha, um anjo, um herói, uma cor, uma criança, um demônio? Que há num nome? Vejamos...

Caro, Nanini, Mendalfo, Bellini, Matchego, Rossini, Frescobaldi... E agora vem Verdoni, Mephisto, Bononcini, Angelico, Geminiani, Monticelli, Miniati, Peci, Pleci, Cherubini; Ah, Garibaldi! Domenico, Polerio, Damiano, Sapico; Testa, Zambelly... Nomes, apenas nomes.

Que há num nome? Um funileiro, um pombal? Verdes campos perma-

mentes, um covarde, uma sopa? Deus... e um alfaiate? Sim, apenas nomes; Mas certamente você ouvirá algumas suaves enarmonias?

Dunkelblum, Schneider, Gruenfeld, Blechschmidt, Eisenschmidt. Goldschmidt, Hasenfuss, Schechter, Taubenhau, Fleissig, Buxtehude... Meyerbeer, Suechting, Von Suppé, Rosenmueller, Bach! Cukierman, Gotthilf... Gotthilf... Ja! Gotthilf! Nomes... apenas nomes.

Que há num nome? Um santo cheio de amor? Uma floresta, um jovem? Poetas e papel? Destino... E

HAMLET

(...) "Ser ou não ser, eis a questão! Que é mais nobre para o espírito: sofrer os dardos e setas de um ultrajante fado, ou tomar armas contra um mar de calamidades para pôr-lhes fim, resistindo? Morrer... dormir; nada mais! E com o sono, dizem, terminamos o pesar do coração e os mil naturais conflitos que constituem a herança da carne! Que fim poderia ser mais devotamente desejado? Morrer... dormir! Dormir!... Talvez sonhar! Sim, eis aí a dificuldade! Porque é forçoso que nos detenhamos a considerar que sonhos possam sobrevir, durante o sono da morte, quando nos tenhamos libertado do torvelinho da vida. Aí está a reflexão que torna uma calamidade a vida assim tão longa! Porque, senão, quem suportaria os ultrajes e desdêns do tempo, a injúria do opressor, a afronta do soberbo, as angústias do amor desprezado, a morosidade da lei, as insolências do poder e as humilhações que o paciente mérito recebe do homem indigno, quando ele próprio pudesse encontrar quietude com um simples estilete? Quem gostaria de suportar tão duras cargas, gemendo e suando sob o peso de uma vida afanosa, se não fosse o temor de alguma coisa depois da morte, região misteriosa de onde nenhum viajante jamais voltou, confundindo nossa vontade e impelindo-nos a suportar aqueles males que nos afligirem, ao invés de nos atirmos a outros que desconhecemos? E é assim que a consciência nos transforma em covardes e é assim que o primitivo verdor de nossas resoluções se estiola na pá da sombra do pensamento e é assim que as empresas de maior alento e importância, com tais reflexões, desviam seu curso e deixam de ter o nome de ação... Agora, silêncio!... A bela Ofélia! Ninfa, em tuas orações, recorda-te de meus pecados!" (...)

o túmulo? Então, ouça...

Lamartine, Saint-Amant, Dubois, Feuillet, Debussy, Maupassant, Chateaubriand... Le Jeune, Saint-Beuve, Dufrene, Beaudelaire, Monet, Michelet, Manet, Saint-Saëns, Verlaine, La Bourdonnais, Renoir, D'Indy, Loti, Colle... Apenas nomes?

Que há num nome? Ah, se eu soubesse! Céu e inferno, amor e desespero; Funestos presságios... A chegada da Primavera? Que há num nome? Fama... e um jogo? Luta e alegria? Beleza eterna? Mais, muito mais! Pobre de mim! Procurando, explorando raízes que nunca se acabam cujos resistentes segredos só

podem atrair-me para a morte ou humildade viva. Nomes...

Bogolyubov, Tchigorin, Iljin-Genevsky, Kieseritzky, Dus-Chotimirsky, Petroff, Ragosin, Löwenfisch... Soldatenkoff, Prokofieff, Wygodchikoff, Selesnieff, Nadzhmetdinoff, Sultanbeieff, Lissitzin... Chekhoff, Niemtsovich, Botvinnik, Yudovich, Pritzel, Shostakovich, Tscherepnine... Yanofsky, Romanovsky, Swiderski, Tschaiovsky! Gonssierovsky!! Z n o s k o - B o r o v s k y ! ! ! Konstantinopolsky!!!! Nomes... apenas nomes.

Anthony E. Santasiere

Consultório Odontológico *Wildes da Costa Monteiro*

* Mestre em Reabilitação Oral * Prof. Titular Universidade de Itaúna
* Prof. Curso Pós-Graduação da Universidade de Itaúna
* Doutoranda em Clínicas Odontológicas

Rua Rio de Janeiro, 310 - Divinópolis - Minas Gerais
Fone/Fax: (37) 3221-9440 / 3213-8141



FADIBRAMA

Avaliações, Arquitetura e Engenharia Ltda

Rua Francisco Manoel Franco, 42 - 35.680-053 - Itaúna - MG
Fone: 37 3241 2667 Fax: 37 3241 2044 e-mail: fadibrama@nwnet.com.br



BAG SHOP
O seu portal de negócios

Rua Cel. Artur Vilaça, 48
Centro - Itaúna - MG

Tel: (37) 3242-4030

www.bag-shop.com.br

QUAEDAM MORALITAS DE SCACCARIO

A igreja, em épocas passadas, sempre se opôs com relação ao jogo de xadrez. Surgiram alguns editos proibindo o clero de jogar, notadamente do cardeal Damiani em 1061. Entretanto, por volta do século XII essa proibição foi abrandada ou esquecida, e o xadrez passou a gozar de grande popularidade entre várias ordens religiosas. Alguns de seus membros inclusive usaram o xadrez em alegorias conhecidas como "moralidades", comuns na literatura na Idade Média, e que tentavam dar uma explicação simbólica ou alegórica ao jogo, encontrar paralelos entre a organização da vida e atividades humanas e o xadrez. Essas alegorias geralmente consideravam o jogo como emblemático da condição social da época. A mais antiga data da metade do século XII, e o texto diz o seguinte:

O mundo assemelha-se a um tabuleiro de xadrez quadriculado em branco e preto, com as cores mostrando as duas condições de vida e morte ou louvor e censura. As peças de xadrez são homens deste mundo, que têm um nascimento comum, ocupam posições diferentes e detêm títulos diferentes nesta vida, que lutam juntos e finalmente têm um destino comum que nivela todas as categorias. O Rei muitas vezes fica por baixo das outras peças na sacola.

O movimento e os poderes de captura do Rei são em todas as direções, porque a vontade do Rei é lei.

O movimento da Dama é somente enviesado, porque as mulheres são tão coibidas que nada tomam a não ser por rapina e injustiça.

A Torre representa os juizes itinerantes que viajam por todo o reino e seu movimento é sempre reto, porque o juiz deve tratar com justiça.

O movimento do Cavaleiro é composto de um movimento reto e um oblíquo; o primeiro indica seu poder legal de recolher rendas, etc., o último, suas extorsões e más ações.

Os *Aufins* são prelados que usam chifres (mas não como aqueles que Moisés tinha quando desceu do monte Sinai). Movimentam-se e capturam obliquamente porque quase todo bispo abusa de seu cargo através da cupidez.

Os Peões são homens pobres. Seu movimento é reto, exceto quando tomam alguma coisa: pois também o homem pobre age bem enquanto se conserva afastado da ambição. Depois de ser promovido, o Peão torna-se um *Fers* e movimenta-se obliquamente, o que mostra como é difícil para um homem pobre agir corretamente quando elevado acima de sua posição

apropriada.

Neste jogo o Diabo diz "Xeque!" quando um homem cai em pecado e, a menos que ele cubra rapidamente o xeque voltando-se para o arrependimento, o Diabo diz "Mate" e leva-o para o inferno de onde não há escapatória. Pois o Diabo tem muitas espécies de tentações para apanhar tipos diferentes de homens, como o caçador tem cães para apanhar tipos diferentes de animais.



TESTE SEUS CONHECIMENTOS ENXADRÍSTICOS

XADREZ ATRAVÉS DOS TEMPOS

Na partida abaixo, em Viena - 1910, entre Richard Reti x Savielly Tartakover, as brancas jogaram e deram xeque-mate em 3 lances, em bonita combinação. Tente descobrir a seqüência ganhadora!



José Raul Capablanca, cubano, participou de noventa e nove torneios e matches em dez anos consecutivos e perdeu somente uma partida! Qualquer jogador que enfrentasse Capablanca, sentia-se mais ou menos resignado com seu inevitável destino.

Esta única derrota foi para Richard Reti, no Torneio de Mestres de Nova York, 1924.

Federação Mineira de Xadrez

Visite o site da Federação Mineira de Xadrez. Nele você vai encontrar notícias atuais, fotos, calendário das atividades de 2003, a Galeria de Campeões e muitas orientações sobre a prática do jogo de xadrez.

FMX

www.minasxadrez.kit.net



MÉDICO

CARDIOLOGIA E
CLÍNICA MÉDICA

Élvio Marques da Silva

Consultório:

Rua Diógenes Nogueira, 11 - Loja 08

Ed. Central Park - Itaúna - MG

Tel: (37) 3242-3585

E-mail: emsilva@nwnet.com.br

Emergências: (37) 9982-4263



DR. DOUGLAS CÉSAR DA SILVA

ORTODONTISTA

Pça Padre José Pereira Coelho, 132 - Salas 508/509

Ed. Faria Mendes - Pará de Minas - Tel: 3231-4080

Rua Silva Jardim, 133 - Sala 05 - Itaúna - Tel: 3241-2764

Expediente

Editor: Walter Ferreira Júnior

Correspondência: Jornal Gênesis Ltda
Rua Pedro Camargos, 127 - Lourdes
35680-167 - Itaúna - Minas Gerais

Fones: 9952-6305 / 3242-9747

E-mail: tarrash@bol.com.br

Jornalista Responsável: Paulo Nogueira
MTB 3454 / SJP MG

Impressão: 12/04/2003

Fontes: História do Xadrez - Edward Lasker,
www.clubedexadrez.com.br, Fritz7,
www.jethrotull.com, Almanaque Abril,
Enciclopédia Encarta, Concerning Chess.

As fontes e matérias assinadas não representam necessariamente a opinião



Com letra de um menino de 8 anos, Gerald Bostock, Thick as a Brick, ou melhor, "Espesso como um Tijolo", a banda Jethro Tull revolucionou há 30 anos um novo conceito de rock, apresentando uma canção contínua nas 2 faixas do LP. A música e letra são desafiadoras para o ouvinte e reflete influências complexas de pop, jazz e rock. Ian Anderson e companhia alargaram o rock além de suas limitações de canções pequenas.

As metáforas de "Espesso" são intencionalmente complicadas, obscuras e desnorteante como parte de uma corrida excitante. Se existe qualquer tema central verdadeiro, talvez ele seja as experiências sociológicas de várias crianças talentosas no mundo com toques de relações paternas.

O lírico, o desempenho estranhamente teatral, mudou os padrões da época, num golpe "espesso", como se nada fosse anormal para o Jethro Tull. Até hoje, Ian Anderson questiona sobre Bostock, seu talento prodigioso e sua personalidade.

Você conhece realmente Jethro Tull? Então leia ao lado na íntegra "Thick as a Brick".

THICK AS A BRICK

ESPESSO COMO UM TIJOLO

Minhas palavras são mais do que um sussurro, sua surdez é um grito. Posso fazer você sentir, mas não posso fazê-lo pensar. Seu sêmen está na sarjeta, seu amor no esgoto. Então vocês cavalgam pelos campos, libertando seus lados animais, e os sábios não sabem como é se sentir espesso como um tijolo.

E as virtudes frágeis como castelos de areia são todas eliminadas pela destruição atual, pela confusão moral. O afastamento cada vez maior anuncia a chegada de novas atividades enquanto estas não conseguem cobrir a nova consciência. Mas seus sapatos estão gastos no salto e seu bronzado descasca rapidamente, e os sábios não sabem com é se sentir espesso como um tijolo.

Deixe-me contar-lhe as histórias de sua vida, do corte da faca e da facada, da incansável opressão, da sabedoria incutida, do desejo de matar ou de ser morto. Deixe-me cantar sobre os derrotados que ficam nas ruas enquanto o último ônibus vai embora. As calçadas estão vazias: as sarjetas correm vermelhas enquanto o bobo brinda o seu deus no céu. Venham então todos os jovens que estão a construir castelos. Gentilmente anunciem o tempo de nosso ano e juntem suas vozes num coro infernal. Determinem precisamente o tipo de seu medo. Deixem-me ajudá-los a levantar seus mortos enquanto os pecados dos pais são alimentados com o sangue dos tolos e com os pensamentos dos sábios e com a panela embaixo de sua cama.

E o amor que eu sinto está tão longe. Eu sou um sonho mau que tive hoje e você balança a cabeça e diz que isto é uma vergonha. Faça-me voltar aos anos e dias de minha juventude, puxe as cortinas pretas e grite ao mundo a verdade. Faça-me voltar aos longos séculos, deixe-os cantar a canção.

Eu vim da classe média para corrigir meus caminhos decadentes. Meu pai era um homem de poder a quem todos obedeciam. E então, seus criminosos! Tenho que colocá-los no caminho certo assim como fiz com meu velho, vinte anos atrasado. Seu pão e sua água estão ficando frios. Seus cabelos estão curtos e bem penteados. Eu julgarei todos vocês e farei com que nenhum de vocês me julgue. Vocês encolhem os dedos dos pés, contentes, enquanto riem para todo o mundo, encontrando os olhares espantados. Vocês não percebem que seus feitos não são realizados. E riem impiedosamente enquanto nos dizem o que não ser. Mas como poderíamos saber aonde ir? Eu os vejo caminhar desajeitadamente pelo tribunal, com anéis nos dedos e seus sapatos de fivelas de prata. Disfarçando, você segue o exemplo dos ídolos das histórias em quadrinhos que se submetem às regras.

O poeta e o sábio estão atrás do revolver e dão o sinal para o começo da aurora. Acendem o sol. Você acredita no dia? Acredita? O alvorecer da Criação dos Reis começou. A doce Vênus (virgem solitária) traz aquele que não tem idade. Você acredita no dia? O herói enfraquecido voltou para a noite - e fecundados com o dia, confirmam a visão do poeta. Você acredita no dia? Acredita? Acredite no dia! Então vocês cavalgam pelos campos, libertando seus lados animais, e os sábios não sabem como é se sentir espesso como um tijolo.



Gerald Bostock, 8 anos



Ian Anderson - flute, acoustic guitar, vocals, violin, saxophone, trumpet
Martin Barre - electric guitar, flute
Barriemore Barlow - percussion, tympani
John Evan - piano, Hammond organ, harpischord
Jeffrey Hammond - bass guitar, vocals

Dr. José Lúcio Braz de Matos
 CRO - MG 5771

Ortodontista
Mestre pela UFRJ

Rua Capitão Vicente, 26 - Itaúna - Fone: (37) 3241-4040

Rodrigo F. Carregal

CROMG - 13289

Odontologia Estética e Reabilitação Oral

Profº Curso de Graduação e Pós-Graduação da FUI
Especialista em Prótese pela USP-Bauru
Mestrando em Prótese Dental pela Unicastelo - Campinas

Av. 21 de Abril, 678 - 1º andar - Divinópolis - MG - Fone: (37) 3222-3611



CLÍNICA SÃO LUCAS DE ITAÚNA LTDA.

Rua Carlos Luz, 17 - Centro
 (37) 3242-2240
 Itaúna - Minas Gerais

Objetivo

Objetivo
Medicina e Segurança do Trabalho Ltda.

Rua Diógenes Nogueira, 11 - Sala 907
Telefax: (37) 3242-1794 - Itaúna - Minas Gerais

Rua Belo Horizonte, 193 - Sala 17
Telefax: (37) 3381-3099 - Cláudio - Minas Gerais